

LITERATURA E ANÁLISE SOCIAL: MORTE E VIDA SEVERINA COMO REFERÊNCIA DE INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA

LITERATURA Y ANÁLISIS SOCIAL: MUERTE Y VIDA SEVERINA CÓMO REFERENCIA DE INTERPRETACIÓN SOCIOLÓGICA

LITERATURE AND SOCIAL ANALYSIS: MORTE E VIDA SEVERINA AS A REFERENCE FOR SOCIAL INTERPRETATION

Thiago Rodrigues COSTA¹

RESUMO: O presente artigo pretende abordar a relação entre a Literatura e as Ciências Sociais, tendo como base os pensamentos de Gildo Marçal Brandão e Antonio Candido, mostrando como o texto literário contribui para construção do pensamento científico em relação a análise social. Para exemplificar a relevância e tornar a discussão inteligível, este artigo buscou como referência o poema Morte e vida Severina e mostra como a narrativa literária é relevante diante da interpretação da realidade social, mesmo que ela não tenha o rigor do método científico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Sociologia. Morte e vida severina.

RESUMEN: *El presente artículo pretende abordar una relación entre Literatura y Ciencias Sociales, basada en los pensamientos de Gildo Marçal Brandão y Antonio Candido, mostrando cómo el texto literario contribuye a la construcción de un pensamiento científico en un análisis social. Para ejemplificar una relevancia y hacer una discusión inteligible, este artículo busca como referencia o poema Morte e vida Severina y muestra cómo la narración literaria es relevante al interpretar la realidad social, incluso si no tiene el rigor del método científico.*

PALABRAS CLAVE: *Literatura. Sociologia. Muerte y vida severina.*

ABSTRACT: *Based on Gildo Marçal Brandão and Antonio Candido's ideas, this article intends to discuss the relations between literature and the social sciences as it explains how the literary text adds to scientific thought in social analysis. Morte e vida Severina poem is taken as a reference to demonstrate the relevance of literary narrative, even without all the scientific rigor, to the interpretation of social reality, likewise make it an intelligible discussion.*

KEYWORDS: *Literature. Sociology. Morte e vida severina.*

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Graduando em Ciências Sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9844-2311>. E-mail: thiago.costa@unesp.br

Introdução

Este artigo propõe-se a dialogar com a Literatura e com as Ciências Sociais. Utilizando-se autores que pensaram questões metodológicas de análise social, este trabalho buscou em Gildo Marçal Brandão e Antonio Candido as referências para relacionar os textos literários com as Ciências Sociais. Brandão (2007) afirma que os principais instrumentos teóricos de análise da realidade social brasileira estão no próprio Brasil, ele aponta a necessidade de ler e interpretar pensadores nacionais que têm tradição e relevância, paralelamente, critica as teorias importadas que não dão conta de ler, interpretar e identificar questões e especificidades brasileiras. Diante das produções nacionais defendidas por Brandão, esta análise traz o pensamento de Candido que reflete sobre a Literatura nacional e a sua relevância social e histórica, ou seja, mostra como o texto literário é aliado das ciências humanas, mesmo que este não apresente métodos científicos.

Para tornar a reflexão inteligível, este artigo trouxe como principal exemplo o poema Morte e vida Severina do poeta João Cabral de Melo Neto. A intenção é mostrar como esta obra está em sintonia com a realidade social, através da narrativa do poema que expressa as principais questões e problemas sociais no Nordeste Brasileiro, sobretudo, a relação entre a construção da narrativa local e a sua contribuição para a construção de uma identidade brasileira. Ao apontar problemas sociais ligados à seca, também mostra o quão plural é o território brasileiro e chama a atenção para uma unidade nacional extremamente diversa.

Realidade social e literatura: o texto literário como referência

Brandão (2007) aborda a problemática metodológica referente à construção, análise e interpretação do pensamento político brasileiro, dizendo que a teoria e a realidade devem estar alinhadas. Para entender a realidade e os problemas sociais e políticos é preciso considerar as relevantes produções acadêmico-científicas que explicam as dinâmicas e os movimentos sociais constituídos. As teorias científicas são instrumentos de análise, referências e narrativas que explicam questões na qual foram ou são responsáveis pela conjuntura atual (BRANDÃO, 2007). Este autor põe em discussão e coteja a relação entre as produções teóricas e a realidade analisada. Afirma que uma teoria que não dá conta de explicar corretamente a realidade, não é capaz trabalhar as problemáticas desta. Brandão (2007) critica e rejeita qualquer produção que propõe explicações “científicas” baseadas em ideias utópicas. Estudar o pensamento social, assim como às produções mais relevantes, significa entender as trajetórias e interpretações desses pensamentos que estão situados em um determinado tempo e espaço, ou seja, as

leituras e análises anteriores são bases para entender os movimentos sociais constituídos na contemporaneidade. “Apesar do caráter datado de muitas de suas proposições teóricas e bases empíricas, o fato é que continuam a ser lidos como testemunhas do passado e como fontes de problemas, conceitos, hipóteses e argumentos para a investigação científica do presente” (BRANDÃO, 2007, p. 234).

O território nacional brasileiro é imenso e rico em diferentes realidades sociopolíticas que juntas são capazes de expressar a nossa identidade. Schwarz (1994) diz que para ler a realidade brasileira é preciso utilizar as referências nacionais de pensadores e autores brasileiros e não importar métodos de outros contextos para tentar a todo custo movimentá-los numa análise forçada. Movimentar conceitos externos para a nossa realidade e especificidades pode, como afirma Brandão (2007), criar utopias, justamente por conclusões e considerações desalinhadas com o objeto estudado. Schwarz (1994) ressalta que é preciso incluir no debate os teóricos que se propuseram a explicar o Brasil, mesmo que estes tenham o feito de forma equivocada baseados nos paradigmas da época, a ciência não parte do zero e refutações precisam ser embasadas, respeitando os marcos teóricos.

Na verdade, se uma das particularidades do estudo do pensamento político é que ele aspira a ser parte constitutiva do objeto estudado, então, no exame de suas grandes obras, a referência àquelas leituras “deve operar aí como elemento de controle e, em vários momentos, como dimensão polêmica contra as análises que buscam entender um pensamento coerente e original a partir de seu exterior (BRANDÃO, 2007, p. 238).

A Literatura, propriamente dita, é o “espelho do social” porque reflete questões retratadas no seu tempo, mesmo que não tenha o rigor científico, essa expressão artística retrata os paradigmas, pensamentos e problemáticas. Mesmo não sendo abordada profundamente por Brandão e Schwarz, a Literatura é uma produção nacional relevante para tratar e discutir as problemáticas brasileiras.

Nesse sentido, podemos entender que a Literatura é um dos caminhos para se compreender o mundo, perceptível na forma com que lida com os diversos aspectos da vida do homem; um desses aspectos é o espaço, tanto fictício quanto real. Por meio das ações e sentimentos do personagem ficcional, podemos perceber a relação existente entre o homem e o lugar em que vive (PINHEIRO NETO, 2012, p. 325).

A literatura, segundo Candido (1993), não possui uma autonomia histórica, justamente por conter elementos que são psíquicos, subjetivos e sem método, embora expresse elementos sociais. Da perspectiva metodológica científica, o texto literário não apresenta um rigor na

expressão da realidade, entretanto, “A Literatura abre objetos que embasam a construção científica do conhecimento” (PINHEIRO NETO, 2012, p. 326).

A obra literária para ser reconhecida como tal, tem que expressar a realidade local em que está inserida, como uma parte relevante da realidade nacional, mesmo que apresente especificidades regionais (CANDIDO, 1993). O texto literário, por estar inserido em um tempo e espaço, articula paradigmas que estão em voga no tempo em que foi escrito, ou seja, possui uma orientação histórica, mas também uma coerência social. A Literatura está empenhada em expressar, mesmo que não fielmente, um sentimento coletivo, ou seja, comum às pessoas (CANDIDO, 1993). Logo, mesmo que não represente uma realidade autônoma, o texto literário é capaz de ser uma importante referência para a leitura dos movimentos sociais constituídos.

Morte e Vida Severina tem como subtítulo “Auto de natal pernambucano” e remonta à transposição do nascimento de Cristo para os manguezais do Recife, atualizando o gênero e dando ao auto uma nova dimensão estética. Longe de tratar da temática religiosa, o poeta se prende ao social e ao político, denunciando as mazelas do povo pernambucano (PINHEIRO NETO, 2012, p. 320).

Diante do que foi posto anteriormente, esse artigo busca mostrar a relevância que tem a obra Morte e vida severina, de João Cabral de Melo Neto, diante da leitura da pobreza miséria no Nordeste brasileiro, peça fundamental para entender o Brasil. Embora a narrativa deste poema desenvolva-se em Pernambuco, João Cabral de Melo Neto retratou bem as condições da pobreza e, acima de tudo, as problemáticas sociais brasileiras. Como citado anteriormente, tendo como referência Candido (1993) e Pinheiro Neto (2012), Morte e vida Severina, mesmo sendo um texto literário, tem a capacidade de compor análises e interpretações das questões que caracterizam a identidade brasileira, através de uma narrativa regional presente este poema.

Morte e vida severina: uma interpretação social da pobreza

João Cabral de Melo Neto, o autor de Morte e Vida Severina, nasceu em 1920 na cidade de Recife - PE. Segundo Gaspar (2018), ele viveu seus primeiros anos de vida na cidade de Moreno, junto aos engenhos de açúcar. Um tema muito recorrente em suas poesias são as paisagens pernambucanas, em que ele descreve as plantações de cana-de-açúcar. Melo Neto sempre se interessou por leitura - quando mais novo - lia livros para os trabalhadores do engenho que sua família detinha. Em 1930 cursou o secundário no Colégio Ponte d’Uchoa.

Sua primeira publicação foi em 1940, intitulada *Pedra do Sono*, cerca de 340 livros foram produzidos (custeado por ele mesmo). Além da produção literária, ele também trabalhava no DASP em 1943, concursado. Segundo Gaspar (2018), foi nesta época que Melo Neto teve seus primeiros contatos com escritores cariocas. Dois anos depois, em 1945, ele ingressou no Itamaraty e iniciou sua carreira de diplomata e se aposentou em 1990. João Cabral de Melo Neto, segundo Secchin (2014), pertence à terceira geração dos modernistas ou a geração de 45. Seus escritos, embora literários e poéticos, apresentavam rigor e minúcia, sua fama era de “poeta arquiteto”. *Morte e Vida Severina* (Auto de Natal Pernambucano) foi uma das obras mais famosas e premiadas de João Cabral de Melo Neto. Foi escrita entre 1954 e 1955 e publicada em 1956 com muitas reedições, mais de sessenta, conforme Secchin (2014). A principal característica desta obra é o caráter de denúncia que o autor faz as condições de vida do nordestino, mostrando a grande relevância do poema quando a temática gira em torno da pobreza, seca e morte que assolavam o Nordeste, sobretudo o sertão pernambucano. O poema é dividido em 18 trechos, que mostram a jornada de Severino da nascente do Rio Capibaribe até o mar na cidade de Recife (PINHEIRO NETO, 2012). “Neste auto de natal pernambucano, o protagonista Severino, à imagem do rio, desce do sertão para a cidade, e toda a travessia é pontuada por encontros com a morte [...]” (SECCHIN, 2014, p. 36).

Melo Neto ao contar a história de Severino, faz uma narrativa incomum, inicia pela morte e finaliza falando sobre a vida. O teor social e a crítica do autor estão na apresentação de problemáticas ligadas às condições do Nordeste brasileiro e as mazelas vividas pelos muitos “severinos” daquele espaço.

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida) (MELO NETO, 2007, p. 92).

Nesta estrofe inicial do poema, Melo Neto apresenta a morte que é tão presente no dia a dia do Severino, mas, sobretudo, a forma como ela acomete a personagem, ligando esta narrativa à realidade das pessoas que vivem neste contexto social. Aparentemente, para Severino não há outra saída, não há mudanças de perspectivas de vida em meio a seca e pobreza. Dentro desta análise - o pensamento de Severino é quase determinista no sentido do seu destino, caso não se retire: a morte precoce.

Severino retira-se rumo a Recife. A história se desenvolve como o ato de rezar um rosário, no qual, cada conta seria um local por onde ele passou - como a própria personagem

disse: “cujas contas fossem vilas”, ou seja, o seu caminho rumo à parada final os mangues de Recife-PE.

A inversão da ordem natural (nesse caso morte e depois vida) apresenta-se não só no enredo, mas também no lugar dentro do poema. Severino saindo da Caatinga e indo rumo ao mangue. Pinheiro Neto (2012) afirma que na narrativa “tanto homem quanto rio saem do interior de Pernambuco” castigados pela seca, somente nas proximidades do litoral há vida e prosperidade, estimulando a migração do Severino.

Do ponto de vista das ciências ambientais, os manguezais são espécies de berços, onde muitas espécies de animais vão para procriar. Isso leva a uma suposição, Melo Neto, com sua poesia toda arquitetada, organizou a narrativa mostrando a água como algo essencial a vida. A água é elemento primordial de manutenção da vida no sertão em que se encontra Severino nos primeiros trechos da narrativa, a falta desse recurso gera uma mortalidade de tudo que há, sejam pessoas, animais e até mesmo a vegetação. Tal escassez e miséria culminam em violências, também apontadas no poema. Esta violência é retratada no trecho intitulado “Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: ‘ó irmão das almas! Não fui eu que matei não’”

E foi morrida essa morte, irmãos das almas, essa foi morte morrida ou foi matada? Até que não foi morrida, irmãos das almas, esta foi morte matada, numa emboscada. E o que guardava a emboscada, irmãos das almas, e com que foi que o mataram, com faca ou bala? Este foi morto de bala, irmão das almas, mais garantido é de bala, mais longe vara (MELO NETO, 2007, p. 94).

O poema narra duas pessoas carregando um corpo de uma pessoa que foi morta por um projétil de arma de fogo, justamente pela questão da posse de bens. Onde tudo é escasso, a violência se torna presente, isso tudo na ânsia pela sobrevivência. Onde não há quase nada, o pouco se torna de extremo valor, mesmo roçados em pedras.

Para além das questões abordadas pela Sociologia, o poema também abarca uma perspectiva cultural, esta obra trata uma questão fundamental dentro da antropologia, a questão dos ritos de morte. Ao longo do desenvolver da narrativa, Severino, em sua caminhada, se depara com enterros e também com uma mulher que ganha a vida rezando em velórios. Severino pergunta diversas vezes sobre a possibilidade de emprego nessa região, ainda árida e seca. A mulher diz o tempo todo que nessa região, onde ela mora, não há outra profissão a não ser rezar pelos mortos, inclusive enfatiza que a morte é “um bom negócio”. Embora seja uma linguagem poética com figuras de linguagem, a relação entre uma pessoa morta e o ato de plantar, ilustram bem a semelhança entre Severino e a mulher na janela. O

rito de morte é fundamental para a subsistência dessa mulher. Ambos sofrem com a seca, ambos também sabem plantar, porém, ali naquele espaço, os roçados de Severino não prosperam, porque segundo essa mulher, a “semente” que se “cultiva” e dá “frutos” é outra.

Como aqui a morte é tanta, só é possível trabalhar nessas profissões que fazem da morte ofício ou bazar. [...] Só os roçados da morte compensam aqui cultivar, e cultivá-los é fácil: simples questão de plantar; não se precisa de limpa, de adubar nem de regar; as estiagens e as pragas fazemos mais prosperar; e dão lucro imediato; nem é preciso esperar pela colheita: recebe-se na hora mesma de semear (MELO NETO, 2007, p. 105-106).

Saindo da seca, o protagonista encontra o mangue, que pulula de vida. Nessa nova paisagem a vida impera, suplantando a morte e dando esperança de dias melhores. O rio não tem outra saída. Ele é, assim como os retirantes que buscam melhor vida, atraído pela mesma esperança, fugindo da dureza que viveu no início da jornada, lá no sertão. Sua sina é o mar, ele sabe que precisa cavar a terra, traçar caminhos, mesmo que tortuosos, para cumprir seu destino (PINHEIRO NETO, 2012, p. 335).

Ao final do poema, quando Severino chega ao mangue e encontra seu José Mestre Carpina, percebe que suas expectativas não foram atendidas e que no lugar onde esperava encontrar vida e autossustento, não encontra nada além das lamas do mangue onde pensa em se jogar e findar a sua vida. A extrema pobreza, a falta de condições materiais e uma perspectiva de vida sem possibilidades de mudanças para melhor, ou seja, “uma vida severina”, faz com que a personagem Severino não encontre solução, mais uma vez a morte é o consolo capaz de findar o sofrimento relacionado a miséria.

Seu José, mestre carpina, que diferença faria se em vez de continuar tomasse a melhor saída: a de saltar, numa noite, fora da ponte e da vida? (MELO NETO, 2007, p. 123).

Para Bispo (2009), o poema está além de uma narrativa que retrata somente as paisagens do Nordeste brasileiro, ele mostra de forma simbólica as mazelas que existem no Brasil – tudo isso marcado, também, pelas realidades socioeconômicas, exclusão social e subdesenvolvimento.

Embora o poema apresente de forma tão incisa as questões da fome e das dificuldades da vida, Melo Neto ainda apresenta um “fio” de esperança a que ele chamou de vida. A criança, filho de Carpina, é o produto da fábrica que, segundo ele, também se chama “vida” e que “teimosamente se fabrica” (MELO NETO, 2007). Fabrica-se através das gerações e seus descendentes, em quem são depositadas esperanças de uma vida melhor, a criança significa a

possibilidade de uma realidade diferente, talvez menos sofrida, é como se a vida se reinventasse em cada descendente.

Considerações finais

Diante do que foi exposto, este artigo se propôs a evidenciar as relações entre a realidade social e as narrativas que são feitas pela Literatura. João Cabral de Melo Neto conseguiu através do seu poema, chamar atenção para problemas significativos no Nordeste brasileiro, que sem dúvidas também são problemáticas sociais em outras regiões brasileiras. O poema é capaz de mostrar uma narrativa nacional que é peça fundamental para interpretar as realidades sociais e culturais. Morte e vida Severina remonta a identidade local e contribui para a identidade nacional (BRANDÃO, 2007). Severino representa uma gama de brasileiros que vivem sem perspectivas de uma vida digna e confortável e que muitas vezes não encontram um final feliz, diferentemente, de como é clássico em obras literárias. João Cabral, diante da interpretação desta análise, tenta mostrar esse outro lado do Brasil, um país tropical, rico em recursos e tão miserável em regiões, mas sobretudo as pessoas que agonizam de fome.

O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria (MELO NETO, 2007).

O autor não minimiza em nenhum momento as problemáticas, mostra o problema ao leitor e o faz encarar de frente tais questões. Mostra um Severino que poderia ser qualquer pessoa. Um nome próprio comum a todos. Uma sina que ninguém do sertão estaria livre - mas sobretudo como as condições mínimas de sobrevivência são precárias. João Cabral de Melo Neto denuncia em cada verso de seu poema o quão miserável as pessoas podem estar e o quão ricas e esperançosas podem ser.

REFERÊNCIAS

BISPO, M. M. G. Morte e vida severina: uma análise cultural. **Revista Fórum Identidades**, Ano III, v. 6, n. 3, jul./dez. 2009.

BRANDÃO, G. M. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

CANDIDO, A. Introdução. *In*: CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 7. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993. p. 23-37.

GASPAR, L. **João Cabral de Mello Neto**. Pesquisa Escolar Online. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2018. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

MELO NETO, J. C. **Morte e vida severina** e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetivo: 2007.

PINHEIRO NETO, J. E. Geografia e literatura: a paisagem geográfica e ficcional em Morte e Vida Severina da João Cabral de Melo Neto. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 2, 2012.

SCHWARZ, R. Nacional por subtração. *In*: SCHWARZ, R. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 29-48.

SECCHIN, A. C. **Poesia completa**: João Cabral de Melo Neto. 1. ed. Lisboa: Glaciar: 2014.

SOARES, A. M. S. **O Poema, construção às avessas**: uma leitura de João Cabral de Melo Neto. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1978.

Como referenciar este artigo

COSTA, T. R. literatura e análise social: morte e vida severina como referência de interpretação da realidade social. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 9, n. 2, p. 187-195, jul./dez. 2020. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v9i2.13662>

Submetido em: 06/05/2020

Revisões requeridas: 11/08/2020

Aceito em: 10/10/2020

Publicado em:01/03/2021